



HAL
open science

Para uma história social da guerra civil moçambicana. Pós-fácio

Michel Cahen, Hassane Armando

► **To cite this version:**

Michel Cahen, Hassane Armando. Para uma história social da guerra civil moçambicana. Pós-fácio. Tempos de fúria. Memórias do massacre de Homoine, 18 de Julho de 1987, Edições Colibri, pp.169-172, 2018, 9789896897376. halshs-02471888

HAL Id: halshs-02471888

<https://shs.hal.science/halshs-02471888v1>

Submitted on 9 Feb 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Pós-fácio da obra de Hassane Armando, *Tempos de fúria. Memórias do massacre de Homoine, 18 de Julho de 1987*, Lisboa, Edições Colibri, Fevereiro de 2018, 172 p., pp. 169-172, ISBN : 9789896897376.

Para uma história social da guerra civil moçambicana

Recentemente, fiz uma comunicação ao colóquio dos Dez Anos do Instituto de Ciências Sociais e Económicas, no Maputo (19-21 de Setembro de 2017), cujo título foi “A Renamo, um assunto para cientistas sociais”. Foi uma chamada de atenção sobre a falta de estudos, em Moçambique, sobre a Renamo e, num sentido mais lato, o mundo social da Renamo.

O título deste pós-fácio podia ser exatamente o mesmo. Com efeito, por causa da sua origem com apoio da Rodésia do Sul e da África do Sul – apoio que foi pagando caro durante muito tempo –, a Renamo sempre apareceu como o partido “não legítimo”, como se o conceito despolitizante de “bandidos armados” ainda estivesse em vigor.

Qual é a proporção, hoje, de cientistas sociais moçambicanos, de estudantes de mestrado ou de doutoramento, cuja pesquisa incida sobre a Renamo ou sobre o mundo social dela? É reduzidíssima. Além de uma tentativa de João Paulo Borges Coelho e Sérgio Nathú Cabá alguns anos atrás com estudantes seus¹, além da tese de doutoramento de Domingos do Rosário² e de um seu artigo sobre Angoche³, além da tese e de um artigo do Sérgio Chichava sobre a Zambézia⁴, quem?

Vivendo em França, posso não estar a par de alguns estudos mas, de qualquer maneira, serão uma pequena minoria em comparação com a totalidade dos trabalhos de Ciências Sociais sobre o mundo do Estado moderno – isto é, o mundo social da Frelimo –, sobre as Organizações não governamentais necessariamente autorizadas pela Frelimo (não há nenhuma ONG no mundo social da Renamo ainda hoje!), até sobre o MDM de Deviz Mbepo Simango. A Renamo fica em grande medida um tabu para as Ciências Sociais, o que prolonga os desequilíbrios tradicionais na produção da história de Moçambique, feita a partir do mundo social da Frelimo.

É por isso que o livro do meu amigo Hassane Armando é tão importante: não é um livro de pesquisa, não é um livro de um académico, não é um livro de história (como disciplina), é um livro de memória, mas é um livro que é uma fonte para a história. Acontece que Hassane teve grandes dificuldades em encontrar uma editora, apesar da ajuda permanente de Luiz Henrique Passador, antropólogo brasileiro que o conheceu quando pesquisava durante anos sobre a pandemia da SIDA na região de Homoine e, apesar de um jeitinho meu na recta final, nos tempos conturbados que Moçambique atravessa, publicar um livro sobre a guerra civil não pareceu “conveniente” para muitas editoras. Afinal, o livro foi publicado pela editora lisboeta Colibri. Saúdo a iniciativa da Colibri, mas é pena o livro não ter sido publicado em Moçambique! Mesmo se, por azar, amanhã, haja uma nova guerra civil em Moçambique, não seria uma razão, ao contrário, para não pesquisar sobre a de 1977-1992.

¹ João Paulo Borges Coelho & Sérgio Nathú Cabá (eds), *Elementos para a História Social da Guerra em Moçambique, 1978-1992*, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 2003 [não publicado]

² Domingos do Rosário, “Les mairies des autres. Une analyse politique, socio-historique et culturelle des trajectoires locales. Le cas d’Angoche, de l’Île de Moçambique et de Nacala Porto”, tese de ciências políticas, Sciences Po Bordeaux/Université de Bordeaux 4, Abril de 2009.

³ Domingos Manuel do Rosário, “Os Municípios dos “Outros”. Alternância do poder local em Moçambique? O caso de Angoche”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 30, 2015: 135-165, <<http://cea.revues.org/1856>>.

⁴ Sérgio Inácio Chichava, “Le “Vieux Mozambique”: l’identité politique de la Zambézie”, tese de ciências políticas, Sciences Po Bordeaux/Université de Bordeaux 4, Junho de 2007, “Uma Província “Rebelde”. O Significado do Voto Zambeziano a Favor da Renamo”, Maputo, IESE, 2008.

Com efeito, a “macro-história” da guerra civil é bastante conhecida: como aconteceu, como foi o apoio da Rodésia do Sul e da África do Sul, como foram as negociações de Roma. Mas a “micro-história”, nas localidades, no mato, é muito pouco conhecida e pesquisada.

Uma outra razão para não querer publicar o livro do Hassane, além de ser sobre a guerra civil, incidia mais precisamente sobre o massacre de Homoíne, que ficou como o “tabu dos tabus”: só podia ser a Renamo que chacinou tudo e todos, ponto final. Mas Hassane, que viveu a tragédia, demonstra que não foi tão simples. Sejam claros: Hassane em nada absolve a Renamo, ao contrário, ele descreve em detalhes o ataque dos *Matsangas*, as pessoas assassinadas, incluindo pessoas da sua próxima família, os raptos, incluindo o seu. Mas ele descreve também a responsabilidade da contra-ofensiva de uma unidade do exército e dos antigos combatentes da Frelimo da aldeia de Chinginguir a uma distância de 7 km para o sudoeste da vila, que atiraram contra qualquer pessoa que estava a correr e a fugir e cujo número de vítimas foi, talvez – sou eu que digo –, igual às da Renamo. Isto com certeza será a parte mais polémica da obra do Hassane. No entanto, talvez não seja a mais importante do livro.

O que me parece o contributo mais importante à história, é a parte sobre a vida nas “zonas libertadas” da Renamo, as relações sociais entre os camponeses, os militares, os *mudjibas*, os cativos; sobre como é que se continuava a produzir nessas zonas, apesar dos ataques da Frelimo; como é que a Renamo teve uma “política especial” (e de clemência relativa) para com os muçulmanos no Sul, não obrigados a tornarem-se soldados; quão era importante a diferença de comportamento entre um e outro comandante da Renamo; como é que se raptava não só rapazes para serem soldados ou raparigas supostamente para serem escravas sexuais, mas porções inteiras da população, incluindo pessoas idosas, porque era uma batalha para o controlo do povo; como a Frelimo tentava também raptar populações vivendo do lado da Renamo, pela mesma razão, etc. Penso que essas páginas do livro do Hassane serão as mais novas, para demonstrar – qualquer que for a opinião de cada um sobre a Renamo – que se tratava de uma parte da sociedade moçambicana, de um mundo social, e não de um mero grupo de “terroristas vindos de fora” ou de “bandidos armados”.

Mas esse mundo da Renamo não era o do Hassane, ele fazia parte do mundo da cidade, do mundo do Estado moderno e, apesar do enorme perigo, quis e conseguiu fugir para voltar a Homoíne, onde ele vive ainda.

Quantos Hassanes existem nas camadas humildes dos povos de Moçambique, que poderiam escrever as suas memórias da guerra civil, em qualquer parte do país? Devem ser muitos, mas é raro encontrar as condições para escrever, dias após dias, um livro e ainda mais difícil, depois, publicá-lo. Aparece o livro do Hassane Armando. Espero que ele não seja mais do que o primeiro. Hassane, obrigadíssimo!

20 de Junho de 2015, 3 de Outubro de 2017

Michel Cahen

Université de Bordeaux, CNRS/Sciences Po Bordeaux, Les Afriques dans le monde (LAM)
Casa de Velázquez, École des hautes études hispaniques et ibériques, Madrid